

RESENHA

Maria Esther FERNANDES. *Acidade e seus limites: as contradições do urbano na Califórnia Brasileira*. São Paulo: Anablume, 2004.

Beatriz Medeiros de Melo¹

A começar, a escolha da apresentação deste livro através de uma pequena nota no interior de uma edição da revista organizada em torno do tema da ruralidade pode parecer um tanto paradoxal. Afinal, o próprio título do livro apresentado aponta como central a discussão da urbanidade. Não obstante a aparente contradição, esta é uma situação oportuna para colocarmos em discussão a frágil dualidade rural/urbana e, ademais, todo tipo de distinção polarizada que reduz as múltiplas possibilidades de manifestação e expressão do mundo social.

A pesquisa que dá origem a este livro, coordenado por Maria Ester Fernández, desde a escolha da equipe de pesquisadores, aponta uma tendência de debate interdisciplinar entre as áreas que hoje caracterizam as Ciências Sociais. Como é sabido, a visão estritamente disciplinar, embora seja vista em parte como facilitadora de determinados avanços na reflexão com os pares-espelhos, de outro lado certamente limita as possibilidades de compreensão da complexidade que vêm adquirindo o mundo social em sua trajetória de acumulação e entrecruzamento de causalidades, intencionalidades, fatos e atos sociais e espaciais. É, então, dos riscos destas consequências limitadoras, construídas e também construtoras de rígidos limites entre diversas sub-áreas das Ciências Humanas, que Fernandes parece desejar se preservar. É marcante a multidisciplinaridade contida no interior da equipe e, ainda, na formação de alguns dos autores. Assim, embora seja apresentada como uma pesquisa sociológica, na formação dos autores encontramos percursos transcorridos no interior da História, Geografia, Filosofia, Direito e Serviço Social.

Desenvolvida no âmbito do Programa de Políticas Públicas da FAPESP, a pesquisa apresentou a proposta de compreender o processo

¹ Graduada em Ciências Sociais pela Unesp/FCL/Araraquara, mestranda do Programa de Pós-graduação em Geografia da Unesp/FCT/Presidente Prudente.

de ocupação e constituição de alguns bairros localizados na periferia da cidade de Ribeirão Preto, a fim de desvendar as condições de vida das classes menos abastadas no interior da cidade-símbolo do agronegócio no país e a ação do poder público ante a esta realidade. O título do livro dá conta de sugerir a contradição fundamental sobre a qual o trabalho se debruça, que relaciona contraditoriamente o serviço público e as classes sociais, apontando uma maior assistência justamente àquelas de maior poder aquisitivo, perpetuando assim a estrutura de poder e distribuição de estruturas e serviços criada sob o capitalismo. É esta “cidade corporativa” que a equipe de pesquisa se propõe a desvendar. Para tanto, partem da reconstrução da história do lugar, procurando, a partir daí, aperceber-se do papel desempenhado por moradores e suas instâncias de representação coletiva de um lado e, de outro, pelo poder público. Sujeitos, espaços, relações sociais, instituições, normas e transgressões são objetos de uma reflexão conexa. Os pesquisadores contribuem tanto com suas formações específicas quanto com o diálogo entre as diversas perspectivas do olhar.

De outro lado, situar-se na urbanidade específica da “Califórnia Brasileira”, região predominantemente sucroalcooleira, propõe uma reflexão acurada ao leitor sobre os sentidos da dualidade rural/urbana e seus limites na “classificação” dos espaços. Embora os autores não se atribuam a tarefa de realizar esta discussão teórica e conceitual, o livro é, em si mesmo, referência importante na ilustração minuciosa e no desvendamento da fragilidade desta tal dualidade.

Trata-se aí de uma urbanidade produzida no âmbito do processo de especialização da produção agropecuária, que expropria alguns enquanto expande a área para o plantio, levando os camponeses forçosamente às cidades, e que atrai outros, pela oferta de trabalho principalmente para o trabalho no plantio, trato e colheita da cana-de-açúcar e laranja. Estes últimos alojam-se fundamentalmente nas periferias das médias e pequenas cidades da região. Assim se produz o trabalhador agrícola, mas não rural; o morador urbano de origens rurais. Dá-se, nesse universo, uma intensa mobilidade entre o rural e o urbano na análise da construção das relações de permanência, que envolvem tanto o trabalho, como necessidade imediata de gerar renda, como a casa, como lugar de abrigo e base para a construção da vida familiar e dos vínculos de socialibilidade.

Assim, embora os autores não se proponham a realizar esta discussão propriamente dita, oferecem um quadro rico de uma das consequências dos rumos do desenvolvimento econômico adotado pelo país – calcado fundamentalmente no financiamento da produção de produtos agropecuários para exportação –, de suas consequências na estrutura de classes sociais e na distribuição destas no espaço da cidade. Assim, concomitantemente, podemos vislumbrar as transformações e as mutações que o mundo rural vem sofrendo sob o desenvolvimento de uma economia de monopólio agroindustrial. E, de outro modo, observar não somente a responsabilidade do capital, personificado nas empresas do setor, mas o papel de outros atores, como o próprio Estado, na produção da cidade corporativa.

No entanto, a riqueza deste trabalho não se encontra somente no exercício comprometido da crítica realizada por seus autores em suas reflexões particulares e no registro das condições precárias de sobrevivência nos bairros, mas no esforço contínuo de ressaltar e registrar o percurso de outra forma de crítica ativa, aquela representada pela ação de ocupantes, moradores e suas associações de bairro com relação a seu lugar no espaço da cidade. Em todos os capítulos vemos ressaltado o papel dos moradores (individual ou coletivamente) transformando o espaço de vida para melhor adequá-lo às suas concepções e desejos, ou ainda para resolver os problemas advindos da ausência de estruturas e serviços. Resistem às adversidades transformando efetivamente a realidade dentro de suas possibilidades mais imediatas e lutando, de forma organizada, por transformações e conquistas estruturais de mais longo prazo.

Estes ricos registros realizados pela pesquisa que se originou com o título “Bairros periféricos: integração ou marginalidade” foram possíveis graças à opção por referências teóricas e metodológicas que, conforme afirma o próprio autor, “empreendem uma crítica ao cientificismo e racionalismos objetivistas, que descartam o conhecimento de senso comum como parte da construção do saber das ciências humanas” (p. 13). Assim, a despeito de terem utilizado uma diversidade de métodos, enfatiza-se ser esta uma pesquisa fundamentalmente qualitativa, que investiga através das falas dos sujeitos envolvidos nos respectivos temas os questionamentos produzidos no interior da pesquisa. Tratando-se de uma pesquisa que tem como um dos objetivos principais compreender a avaliação que fazem os moradores dos bairros

investigados do atendimento feito pelo poder público às suas necessidades, o método da história oral apresentou-se como a ferramenta indispensável à realização da proposta.

O rigor metodológico é outra das características destacáveis na pesquisa. Na exposição de cada um dos capítulos, da apresentação as considerações finais, há reflexões sobre os êxitos e dificuldades encontradas na utilização de cada um deles. Este rigor é também percebido na preocupação com a incorporação do material recolhido em campo na produção da reflexão realizada pelos pesquisadores. A todo momento vemos reproduzidos trechos representativos das falas dos informantes, bem como dados relevantes descobertos através das visitas e diálogos construídos em campo. Assim, temos à frente uma leitura agradável, viva e rica de informações. Podemos ver efetivamente, através dos capítulos, a realidade social vivida e refletida.

No decorrer do texto, ainda, algumas referências à sobrevivência de hábitos rurais no espaço urbano denunciam também o diálogo entre as distintas realidades espaciais, o trânsito de costumes e algumas sobrevivências mantidas através da cultura popular.

Trata-se de uma reflexão que atravessa diversas temáticas, e pode vir a contribuir com reflexões as mais diversas, como migração, cidades médias, segregação sócio-espacial, agroindústria e políticas públicas. E ainda se configura como um trabalho exemplar do bom uso que se pode fazer do método da história oral para a pesquisa social.